

UMA ANÁLISE ANTROPOLÓGICA DOS ESTUDOS SOBRE BONOBOS NA PRIMATOLOGIA

Mateus Oka (PIC/Uem), Fagner Carniel (Orientador), e-mail: fariasoka@outlook.com.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

Antropologia/Teoria antropológica

Palavras-chave: antropologia, bonobos, gênero

Resumo:

O objetivo desta pesquisa foi investigar as publicações da primatologia acerca dos bonobos (*Pan paniscus*), tendo como ponto de partida os usos realizados pelos/as primatólogos/as sobre “sexo” e as temáticas de pesquisa que os acompanham. Para tanto, artigos de três revistas internacionais (American Journal of Primatology; International Journal of Primatology; e Primates) que evidenciavam em seu título questões relacionadas a “sexo” e os bonobos como problema de pesquisa foram selecionados. Ao todo, 29 artigos compuseram o material de estudo, organizado em cinco eixos temáticos após sua leitura e análise: (1) Estrutura e organização social; (2) Reprodução e atividade sexual; (3) Desenvolvimento; (4) Maternidade; e (5) Diferença sexual. A pesquisa, que revelou algumas contingências de termos que orientaram os estudos de bonobos, estabeleceu discussões com a produção científica sob o prisma da modernidade e sinalizou possibilidades de diálogo entre antropologia e primatologia, que devem ser melhor exploradas futuramente.

Introdução

Muitos estudos primatológicos têm sido utilizados para reconstruir a história evolutiva humana, bem como para realizar comparações nos níveis genéticos e comportamentais entre *H. sapiens* e, particularmente, os panídeos. Pensar bonobos – ou chimpanzés, e outros primatas – é também pensar os limites do que é o ser humano. Além disso, a primatologia tem recorrentemente despendido seu esforço em construir as bases comportamentais oferecidas pela filogênese, estabelecendo um primata típico da espécie – uma tentativa já conhecida também pela antropologia cultural: “O homem médio, em qualquer sociedade, perscruta o próprio coração e nele encontra um reflexo do mundo à sua volta. O delicado processo educacional que o tornou adulto assegurou-lhe essa pertinência espiritual à sua própria sociedade.” (MEAD, 2000, p. 277). O delicado

processo da seleção natural que “educa” as espécies poderia também selecionar padrões comportamentais típicos e estatisticamente válidos aos indivíduos que as compõem, e, nesse caso, seria possível imaginar a forma como os ancestrais da espécie se comportavam.

Os *Pan paniscus*, conhecidos como bonobos, são importantes nesse debate pela sua específica relação com a temática da sexualidade. Chamados já de “macacos feministas” ou de “hippies”, constituem um elemento inegável nos estudos da filogênese humana pelo seu contraste com outra espécie mais próxima à humanidade – os chimpanzés –, que apresentam padrões comportamentais distintos dos encontrados nos bonobos (DE WAAL, 2007). O problema é que tais comportamentos são provavelmente contexto-dependentes. E, além disso, a formulação de um estereótipo de bonobos, restringindo seus modos de vida a um aspecto padronizado que seja logicamente coerente aos moldes científicos ocidentais pode não ser o único meio, ou o mais adequado para se entender a diversidade comportamental desses animais, parentes próximos da espécie humana. A tomada de uma amostra – mesmo que estatisticamente válida – de indivíduos considerados parte dos *P. paniscus* e a generalização dos resultados como inerente à espécie pode não ser a única forma de interpretar os dados, ou mesmo de produzi-los metodologicamente. Desta forma, esta pesquisa visou, por meio de uma metodologia de exploração da bibliografia, realizar um estudo antropológico sobre o comportamento de bonobos com relação ao “sexo”.

Revisão de literatura

Nesse caso, os artigos que fazem parte do escopo desta pesquisa são aqueles da primatologia que tratam sobre bonobos e versam sobre questões relacionadas ao “sexo”. A pesquisa foi feita em revistas internacionais de primatologia e etologia utilizando a palavra-chave “*Pan paniscus*”. Como resultado da busca, foram encontrados ao total 226 trabalhos que apresentavam uma pesquisa sobre bonobos e, dentro desse conjunto, 49 artigos que trataram das temáticas desejáveis do escopo do estudo. Do número de 49 trabalhos, contudo, as maiores quantidades de publicações de concentravam em três revistas: *Primates* (N = 13), *International Journal of Primatology* (N = 10) e *American Journal of Primatology* (N = 6), sendo a última uma de grande impacto conforme o Google Metrics. Uma vez que se buscou apenas artigos completos – e as três primeiras e principais revistas estavam vinculadas à Universidade Estadual de Maringá, disponibilizando os arquivos na íntegra –, as revistas que concentravam a maioria das publicações foram selecionadas para o estudo, totalizando 29 artigos para análise. Essa seleção foi realizada no mês de outubro de 2017.

Quanto à forma de análise, o material selecionado foi lido por meio de fichamentos com o exercício de tradução do idioma inglês para o português, além da experimentação de organizar as palavras-chave “sexo”, “macho” e “fêmea” em tabelas conforme a forma e a quantidade dos seus usos ao longo do texto. Leituras concomitantes sobre primatologia e/ou antropologia, bem como de discussões filosóficas mais amplas acerca do “sexo” e teorias

evolutivas foram realizadas paralelamente aos fichamentos. Além disso, as/os autoras/es dos artigos estudados, além de pesquisadoras/es da área foram “perseguidos” em redes sociais, sendo estabelecido o contato com algumas dessas pessoas.

Resultados e Discussão

As pesquisas não apresentaram uma discussão acerca das definições de “sexo”, “macho” ou “fêmea” e, ao mesmo tempo, não utilizaram esses termos em uma pluralidade de acepções – ou seja, tratando essas categorias como pressupostos ou pontos de partida metodológicos e epistemológicos para agrupar ou classificar os sujeitos de pesquisa – os artigos foram reunidos em cinco temáticas, conforme o seu conteúdo e os objetivos de pesquisa. Em outras palavras, entre as 29 publicações selecionadas houve temáticas e problemas de pesquisa que se convergiam ou dialogavam, e o “sexo” – e “macho” ou “fêmea” – teve focos diferentes conforme tais questões a que as primatólogas e os primatólogos se propunham a trabalhar. Após o estudo desses artigos, foi possível depreender cinco categorias temáticas: (1) Estrutura e organização social; (2) Reprodução e atividade sexual; (3) Desenvolvimento; (4) Maternidade; e (5) Diferença sexual. Cada um desses eixos foi discutido quanto ao conteúdo dos artigos e no diálogo com teorias antropológicas e feministas de gênero. O debate produzido abarcou uma ampla gama de descrições primatólogas produzidas pelas pesquisas, permitindo uma reflexão sobre o trabalho de campo, a etologia, as práticas científicas, as contingências de gênero e as filosofias das biociências.

Conclusões

Que a entrada pelo “sexo” – ou pelo gênero, em todo o caso (BUTLER, 2003) – para tratar de primatas seja profícua é justificado por Haraway (2004), que realiza a crítica à modernidade por essa via. Conforme a autora, a ciência é generificada. Isso leva ao argumento de que a própria distinção moderna entre natureza e o Homem revela a relação de dominação projetada no Ocidente; que a razão ou a cultura carrega o sentido masculino e a natureza, o feminino – e o Homem deve conhecer as leis naturais para aprender a dominar, intervir e utilizar seus recursos (HARAWAY, 2004). O estudo revelou o caráter de gênero que permeia as definições de dominância, homossexualidade e heterossexualidade, maternidade e, talvez, a própria inserção ou o interesse de mulheres estudarem mais frequentemente as primatas fêmeas que os homens. Isso não significa deslegitimar a ciência ou dizer que seja possível se despir de todo traço cultural do/a pesquisador/a para realizar um trabalho *de fato* neutro. Também não significa que a “cultura” possa explicar a ciência – ou a “natureza”. Ao contrário, uma proposta a partir de Ingold (2016), por exemplo, apresentando uma tese alternativa à modernidade, considera que a antropologia faça parte de um ramo amplo de estudos das biociências, definidas como “a ciência que estuda os organismos vivos” e, assim, a

antropologia “a ciência que estuda as pessoas vivas” (p. 11). A “vida” passa a ser entendida de maneira que natureza e sociedade não sejam excludentes ou dimensões separáveis das vidas dos organismos.

Portanto, há diálogos possíveis entre primatologia e antropologia. Os limites, as potencialidades e as possibilidades dessa discussão, contudo, merecem ser mais exploradas. Nesse estudo, por meio de uma entrada pelo “sexo” e pelos sentidos carregados de “gênero” dos bonobos, foi possível iniciar uma pesquisa, a partir do lugar da antropologia – sob uma tradição disciplinar fortemente europeia e norte-americana, mas produzida em uma cidade brasileira, no Paraná – sobre as pessoas primatólogas, os resultados de seus esforços materializados nas publicações nas revistas científicas e os comportamentos de bonobos. As implicações epistemológicas e políticas no horizonte da pesquisa incluem repensar as dicotomias entre natureza e cultura, entre humano e não humano, bem como argumentos mobilizados nos debates públicos que envolvem as lutas coletivas de pessoas dissidentes da norma, como o caso do movimento LGBTQ+. Tais pontes estão a serem construídas, e há ainda desdobramentos desse estudo a serem trabalhados; e *perguntar, por que não? Ao invés de, por quê?*

Referências

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão de identidade. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DE WAAL, F. de. **Eu, primata**. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

HARAWAY, D. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu**, n. 22, p. 201-246, 2004.

INGOLD, T. Una mirada antropológica de la biología. **Apuntes de Investigación del CECYP**, v. 27, p. 10-39. 2016.

MEAD, M. **Sexo e temperamento**. Tradução: Rosa Krausz. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.